15-07-2025

O Parangolé do Coletivo Burum (II)

Adelany França

[Mestre em Educação Profissional em Saúde. Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Fiocruz]

Vamos continuar a nos envolver com as descobertas do Coletivo Burum?

Nos encontros de domingo, ecologicamente confortáveis, não sentíamos vontade de ir embora, tudo fluía de uma forma muito orgânica e leve, estávamos abertas, confiantes e entregues umas para as outras, sem reservas de falar de algum sentimento do momento e que muitas vezes doía profundamente. Salvaguardamos o nosso bem-estar e confiamos na jornada, não ficamos escolhendo caminhos, estávamos apreendendo uma boa forma de caminhar, tínhamos critérios de vida boa e normas sutis que fluíam naturalmente para nossa condução. Ali o regimento era a amorosidade escrita e desenhada para a vida, sem regras constituídas de minutos determinados para falas a quem se fazia presente nos encontros. A fala de cada uma era a sua real necessidade, estávamos especialmente conectados em nossa coletividade com uma escuta nobre e, no exercício da equidade, entregamos mais tempo de fala e de escuta ativa para quem mais precisava naquele instante, naquela hora, naquele dia. Nossa conexão era pelo coração, nos acolhemos com um profundo amor e respeito. A casa do cuidado era uma telinha de computador cheia de amor, com todas nós e com o autocuidado de cada uma. A cada domingo íamos fazendo nosso jardim com nossa rega de água límpida e com um adubo de todas as possibilidades para todas. Fomos a fonte de irrigação em todos os dias de encontro, colocamos de maneira orgânica como quem conhece os ciclos da natureza e a ela se integra com uma generosidade sem igual e uma amorosidade visível e materializada em nossas conquistas a cada semana. Tudo ganhou forma a partir do conteúdo solidariedade, entrega, vulnerabilidade e significados. Nos deixarmos frágeis diante de nós e confiar na vulnerabilidade permitida, assim fizemos os nossos fortes pilares, o nosso uno se fez do melhor em cada uma de nós, como na construção de pipas, feitas com elementos tão frágeis que conectados têm força para alçar voo. As nossas escutas de forma ativa, acordadas, despertas e sobretudo presentes, quem têm incômodos seguimos dando atenção, até que esteja mais leve. Sim. Até hoje continuamos com encontros para nossas entregas genuínas. Ao longo dos anos que estávamos cursando as disciplinas regulares do Mestrado, as noites de domingo eram um refresco em nossas vidas, abríamos a partir dali a semana de forma que parte das atividades ficavam adiantadas e muitas vezes algumas questões de ordem pessoal também. Pensadas coletivamente era uma tranquilidade a resolutividade de muitas questões que travaríamos ao longo da semana a sós, em uma luta com o desconhecido e assustador cenário da vida acadêmica. Dividir o tempo de forma igual para uma escuta a necessidades diferentes, seria como oferecer calças para todas quando algumas estavam com outras necessidades, talvez de blusas, sapatos ou de muito mais que uma peça de seu vestuário, ou de bem menos, ou até de algo mais excepcional como apenas um abraço, mesmo que fosse virtual. .....

Estávamos acordadas com o ver, o ouvir, o sentir, e agir o que nos levou à construção da bela jornada para as nossas humanidades que afloraram e afloram em cada uma de nós. E quanto mais entregávamos e mais recebíamos, mais vontade surgia de ver a estrada se fazer, a cada passo a estrada se apresentava preciosa e iluminada para nossa caminhada. O fazer companhia em tudo, o acompanhar na vida, no cotidiano, no sentido e no ritmo da batida do coração de umas das outras, os nossos olhares vibravam a cada conquista e quando a tristeza aparecia, estávamos também irmanadas. Assim, encontramos na ciência – a técnica de amar – sem medidas, sem receitas, tendo compreensão e levando o fluir até o sentir, na força de estórias de amor, o amor em nós, de nós e para nós. Os nós a partir de nós foram se transformando em laços de afetos. Uma caminhada simples – apenas tomamos uma decisão – a decisão pelo respeito, que nos levou com muita força para o amor, para a cooperação e assim cooperamos para a ação. O respeito ao momento de cada uma. Algumas vezes, uma de nós não poderia participar do nosso encontro por conta de convite para ir a uma festa e nós permanecíamos na alegria por uma de nós ter oportunidade de comemorar, celebrar com outro grupo de amigos. E, na outra semana, aquela alegria ainda reverberava conosco e seguíamos com as contribuições em um coletivo como se todas ali estivessem. A leveza da nossa entrega nos alegrava em um genuíno que fez fluir tudo que construímos juntas de forma harmônica, no tempo do próprio tempo.

O afeto foi nos levando para sermos solidárias cada vez mais, também para quem desfrutava de um momento de alegria e se ausentava de nossa atividade do domingo, e não só para quem estivesse em momentos de desafios com algum sofrimento. Não importava o motivo, tudo tinha relevância e acolhimento, ficávamos mais leves para a verdade e dizer o que faríamos, verdades com força e sem ruídos para o natural e para a natureza da vida real, fosse ir à igreja, à uma festa ou por uma cólica avassaladora. A exemplo, a fala de uma das BURUM em um dia de domingo:

- *"Migas, hoje vou receber meu marido que vai chegar de viagem".*
- *"Vai lá linda, celebre!!!" Estamos aqui e amanhã você pode fazer a leitura do nosso material. Beijos BURUM! Nós somos TOPÍSSIMAS!!"*

Sim. E por que não? Estarmos abertos para a alegria e para a vida que nos leva para o mais nos dá uma força incrível. Nos acolhemos com o coração, ou melhor dizendo – com corações gigantes –, e nos validamos a cada instante. Ficamos efetivamente felizes com a conquista de cada uma de nós e nos reconhecemos na alegria como uma grande humanidade em um só pulsar de veia. A cada dia fomos nos transformando e sentimos um afeto que nos reconstruía e estávamos na rota de descobertas e no desenvolvimento de habilidades para as relações cada vez mais humanas. Transbordávamos o nosso apoio para algumas alunas da turma que não conseguiam acompanhar o coletivo. Não estávamos ali dispostas a guardar o que estava ao nosso alcance, a disposição era de fazer uma grande entrega. (...)

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.